



CARTAS IMPERTINENTES. AGONÍSTICA DE UMA ESCRITA SOBRE O INTOLERÁVEL

Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense
baptista509@gmail.com

Resumo:

No uso da estreita articulação entre subjetividade e política, o artigo discorre sobre os efeitos da presença marcante dos discursos neopentecostais na produção e intervenção sobre a diferença na atualidade brasileira. A ficção como forma textual, à luz das contribuições de Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Michel Foucault, entre outros autores, é utilizada como ferramenta para intensificar e desdobrar questões advindas da evangelização da vida social brasileira. O artigo, na forma de cartas a diferentes destinatários, pretende multiplicar os espaços de ação e de resistência às práticas pastorais referentes aos atos de intolerância, ou genocídio, aos modos de existência incompatíveis à evangelização da vida social.

Palavras-chave: subjetividade-política- diferença

Abstract:

Using the close articulation between subjectivity and politics, the article discusses the effects of the prominent presence of neopentecostal discourses in the production and intervention on the difference in the Brazilian reality. Fiction as a textual form, in the light of the contributions of Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Michel Foucault, among other authors, is used as a tool to intensify and unfold issues arising from the evangelization of Brazilian social life. The article, written in the form of letters to different recipients, intends to multiply the spaces of action and resistance to pastoral practices concerning acts of intolerance or genocide to the modes of existence incompatible with the evangelization of social life.

Keywords: subjectivity – politics – difference

Prólogo

Cartas amareladas pelo tempo permaneciam imóveis nos prontuários do velho hospício de Imola. Foram redigidas por homens e mulheres internados por muitos anos, porém nunca saíram daquele lugar¹. Aos loucos não era permitido o uso da memória. As cartas anexadas aos prontuários médicos almejavam ampliar a compreensão da patologia dos enfermos. Na escrita das missivas do hospital italiano, a saudade dos amigos, a preocupação com o cotidiano dos filhos, a queixa do abandono das visitas após longos anos de reclusão ilustravam a história do caso clínico. Apesar do dia a dia do manicômio do final dos oitocentos, a escrita escapava das amarras daquele lugar, onde ao corpo e ao tempo era negado o artesanato da narração. Nos papéis envelhecidos a memória forjava e se forjava por afetos. Textos curtos desviavam do lugar predestinado, borravam a identidade asilar, turvavam a face nítida da loucura conclamada a mostrar, dizer, confessar a sua verdade. Para a lógica científica deduzia-se das linhas apenas um caso clínico reproduzindo uma história concluída. Apesar da imobilidade que as anexava aos prontuários, escapavam do pertencimento a um arquivo morto. Continuavam vivas, impertinentes. As cartas de Imola afirmavam o fulgor dilacerante da diferença. Incômoda cintilação, da qual a solidez identitária, o adjetivo, a classificação, o nome preciso ou a nitidez de um rosto são destruídos como algo em chamas. Palavras em guerra contra o intolerável que as fixava em limites intransponíveis. No hospício italiano as missivas traduziam-se em linhas apaziguadas onde o embate era nulo. No Brasil do início do século XX, uma mulher negra também se eximia do fardo da diferença que a definia na nitidez de um rosto. Chamava-se Florinda, internada no hospício de Juqueri na cidade de São Paulo. Na carta ao seu filho Tônico, a louca negra apresenta um destrutivo fulgor:

Inbarquei no carro da Segurança publica acompanhada de dois sordados paizanos (...) Tu pagou o leite que mamou as dores que sofri e noites malpasadas. Aqui no degredo incarserada viajei em vagão de criminoso... Deos mi deu olhos e não mi deu lágrimas as lágrimas são tuas. Qui se acabe essa mardita e mal fadada apirsiguição qui este poço resto de vida mal tratada quero morrer fora da prisão quero sortar a ultima respiração num canto sucegada... Guarda esta para algum dia lembrar-se de mim (Cunha, 1986, p. 117).

¹ Estas cartas foram extraídas do livro *La città proibita: nascita e fine Dell'ospedale psichiatrico di Imola(1894-1994)* organizado por Ernesto Venturini. Venturini as utilizou como fonte para analisar a história da psiquiatria italiana à luz das questões suscitadas pela Reforma da Saúde Mental na Itália nos anos 90. As cartas também foram utilizadas por (Baptista, 2012, p. 88-92) e (Cunha, 1986, p. 117).

Lamúrias sobre o cerceamento da liberdade podem incitar indignações humanistas ao ocorrido no hospício de Imola e de São Paulo. Perigosa reação para a aposta política no humano como artefato inacabado, potente em sua precariedade onde essências que o definam inexistem. Das prováveis lamúrias encontra-se o humanismo onde a força desacomodadora da escrita das cartas é pífia. Do excluído nada aturdiria, nenhum estranhamento incidiria sobre verdades que o definem, a não ser a compaixão, o respeito, ou o desprezo. A verdade da loucura permaneceria representada no texto, anestesiando o impacto do que poderia fazer estranhar o leitor. Desvio nenhum ao discurso do sofrimento, da impotência seria detectado. O embate entre o poder do significado com o inusitado de um sentido seria apaziguado. A liberação das cartas aos destinatários não impediria o encarceramento identitário do missivista; não refutaria a pacificação violenta da escrita quando o embate lhe falta. Cartas de amor, do suicida, cartas escolares não seriam imunes à fixação aos prontuários de um arquivo morto. Apesar de livres para irem ao encontro do outro, desconheceriam a agonística de uma escrita. Loucos, estudantes, suicidas, amantes, infames seriam barrados em suas escritas de recusarem-se a si mesmos, de turvarem a nitidez dos seus corpos para que outras vidas se misturassem e se assombrassem em uma vida comum. Assombro fecundo para a montagem incessante de outras histórias.

Tendo como foco as lamúrias humanistas Michel Foucault adverte sobre as ciladas do impedimento da liberdade: “Por que o poder exige que os indivíduos digam não somente” eu obedeço”, mas lhes exige ainda que digam: eis o que eu sou, eis o que eu quero, eis o que eu faço” (Foucault, 2011,p.76). Eis o que eu sou, violência recusada nas lutas minúsculas das cartas quando desviavam da retidão do caminho decretado pelo destino asilar. Experimentavam o ato de narrar, no qual a identidade é aniquilada, o sujeito esfuma-se, o eu agoniza. Luta incessante, porque no inferno do manicômio, ou em outros infernos, o bálsamo oferecido por inúmeros suportes do poder dizem o que somos, e o que não seremos. O poder também diz sim, faz falar².

² No ensaio *A Vida* dos Homens Infames Michel Foucault na análise dos documentos, cartas sobre os infames argumenta: “Todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços- breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes – senão em virtude do seu contacto momentâneo com o poder. De maneira que é sem dúvida para sempre impossível reavê-las em si mesmas, tal como seriam em estado livre (...) Nas palavras breves e estridentes que vão e que vêm entre o poder e as existências mais

Nas cartas amareladas o bálsamo era recusado por uma agonística da escrita incansável, fomentada pela atenção ao que o mundo oferta como apelo para o escape das amarras que nos define e enfraquece. Florinda, os homens e mulheres de Imola incansavelmente, apesar de tudo, exercitavam o tormento do narrar:

Narrar é o tormento da linguagem, a busca incessante de sua infinidade. E a narrativa não seria nada mais do que uma alusão ao desvio inicial que carrega a escrita, que a desvia e que faz com que, escrevendo, entreguemos a uma espécie de perpétuo desviar-se. Escrever, essa relação com a vida, relação desviada pela qual se afirma aquilo que não concerne. (Blanchot, 2010, p.148)

Modos de vida fascistas não admitem o tormento do desvio, assim como o fulgor dilacerante da diferença. Cada rosto uma sentença, cada um com o seu destino, dizem. Incomodam-se com a indefinição de um corpo desenhado como imagem trêmula, “o estremecimento daquilo que oscila e vacila: ela [a imagem] sai constantemente de si própria, pois não há nada onde ela seja ela própria” (Blanchot, 2010, p.66). Não suportam o tremor da ausência de um suporte, do transtorno na escrita: “escrever é postar-se diante de um abismo. Ali, treme-se, e só.”³ (Aquino, 2017). Tremor ocasionado pelo risco que destitui a segurança da autoria e do destinatário do texto. Fatal para a arrogância do eu soberano, ou para um harmônico coletivo. O corpo na escrita a tremular anuncia a proximidade do abismo, porque destituído das fronteiras que o definem e o protegem. Tremor como efeito de uma “busca incessante de infinidade” sempre em desvio, um incessante criado por contágios, por chamados do que não seja eu, ou das suas sombras. Para os modos fascistas de existência a diferença brilha, mas não queima a pele de quem a vislumbra.

Trêmulas, as cartas afirmam a intensidade de dores e desejos sem pátria, sem data e sem a precisão de um rosto. Delas ficou a potência do embate da escrita a inquirir o que fazemos neste intolerável mundo onde o fulgor dilacerante da diferença é amortecido, ou definitivamente apagado. Das páginas amareladas foi legada uma incessante luta onde inexistem vitórias ou fracassos. O que fazer com estas cartas amareladas pelo tempo?

inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessarem o tempo, o pouco de fulgor, o breve clarão que as traz até nós.” (Foucault, 1992, p. 98-99).

³ Disponível em <https://comoeuescrevo.com/julio-roberto-groppa-aquino/>

Três cartas serão apresentadas ao leitor deste artigo. A primeira é escrita por uma deusa do mar, a segunda por um anônimo, a terceira por um professor universitário.⁴ O primeiro destinatário é o prefeito do Rio de Janeiro. O segundo, um vereador assassinado. Um jovem universitário espancado por policiais é o terceiro destinatário. Questões referentes à diversidade sexual são o cenário destas missivas. A violência do Estado operada pelo sagrado faz-se presença no embate da escrita contra o intolerável. As três cartas foram elaboradas em anos diferentes; o que as liga é o Brasil da era do golpe. A pátria dos pastores, do apagamento do fulgor destrutivo da diferença por modos fascistas de existência, compõe a tessitura da escrita. As cartas amareladas ainda tremem na recusa do brilho apaziguado do diverso. .

Caro Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Soube do seu desejo de realizar uma exposição de arte no fundo do mar.⁵ Atenção, o fundo do mar é muito perigoso. Nesta carta dispensarei formalidades. Eu o tratarei por você. Sou uma velha senhora milenar. Nasci antes, bem antes do homem torturado até a morte, considerado por você o filho de Deus. Fui gerada no continente africano, resido nos oceanos, local onde a arte poderá ser mais perigosa do que a força das ondas em dias de tempestade. Em Porto Alegre a exposição *Queermuseu* foi cancelada. Homens e mulheres sentiram-se ofendidos com o que viram no museu. Artistas pedófilos, arte execrável, disseram eles. No Rio de Janeiro a exposição foi proibida. No MAR não, só no fundo do mar, disse você sorrindo orgulhoso. Cuidado prefeito, oceanos e cidades possuem barreiras frágeis, perpassam-se, enfrentam-se. Fique alerta, o meu reino desconhece limites.

⁴ A Carta ao parlamentar Alagoano é uma versão modificada da publicada no site do Grupo Tortura Nunca Mais em 2015. A carta ao Jovem Estudante de Arte também é uma versão modificada publicada no mesmo site em 2017.

⁵ Em setembro de 2017 ocorreu em Porto Alegre o fechamento da exposição *Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira* pelo Banco Santander, patrocinador e realizador deste evento artístico. *Queermuseu* é uma mostra que trata de questões relacionadas à expressão e à identidade de gênero e à diferença. A interrupção ocorreu trinta dias antes da data prevista do seu encerramento em decorrência de manifestações de grupos conservadores liderados pelo movimento MBL. Os integrantes ingressaram agressivamente no espaço da exposição com críticas moralistas exigindo o seu fechamento. Segundo eles o evento promoveria valores nocivos ao cristianismo e à família brasileira. Em novembro do mesmo ano o Museu de Arte do Rio de Janeiro convidou os organizadores da mostra para reabrir a exposição. Segundo a Revista Cult (dezembro de 2017), “o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, fez uma declaração pública contrária à ida da exposição para a cidade em um vídeo difamatório e calunioso, acusando mais uma vez a exposição de promover a pedofilia e a zoofilia. O tom de deboche e cinismo do prefeito deve ser assinalado em uma referência que ele faz dizendo que a exposição só iria para o Rio, se fosse para o fundo do MAR”.

Desconhecemos a eternidade imóvel dos paraísos e dos infernos. Aqui, entre ondas e marés, a única eternidade existente é o movimento incessante das águas. O mover-se eterno dos deslocamentos, dos redemoinhos, das idas e vindas das ondas que criam e dissipam formas de vida e de morte.

Do deus chamado Oxalá ganhei a missão de cuidar das cabeças⁶. Cuido dos loucos, dos angustiados, dos nervosos, dos aflitos, dos desesperados, dos agoniados. Sou uma iyá ori, no seu idioma sou a mãe das cabeças. Cuido mas não curo. Desconhecemos também o que seja isso. Acolho-os em minhas águas que atravessam cidades, mesmo as sem litoral. Recebo-os ofertando a intensidade do meu reino, com seus espaços e tempos inumanos. Ofereço a potência do mar. Acredito que você não a conheça. Repito, é um equívoco traduzir o mar como mera paisagem, espaço útil da natureza, símbolo, ornamento, metáfora. Ele não cura. Dou-lhe um conselho, a exposição sob as águas será trágica.

Marcelo, o mar é pleno de acontecimentos inesperados. O público ofendido corre o risco de encontrar surpresas desagradáveis. As imagens transferidas para a profundidade do Atlântico incomodarão ainda mais. Os defensores da moral e da família sentirão desconforto quando a verdade do dogma faltar para confortá-los. Ficarão inseguros quando a opinião sólida fracassar na tentativa de definirem o que estão percebendo. No fluxo das marés, formas estáveis das obras de arte, cores, texturas deformam-se pelo movimento das águas. A corrosão da maresia, a ação devoradora da vida marinha – visível ou invisível aos olhos humanos – são também outras modalidades de aniquilamento. Sim, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, na imensidão dos oceanos habita uma vida invisível cruel. Nada se conserva intacto, incólume, sejam idéias ou coisas. Os defensores da família, assim como as suas ovelhas, perderão as armas. Opinião e dogma tornam-se inúteis em qualquer oceano. A arte no meu reino trai, fere, assusta, derroca o equilíbrio do corpo como um redemoinho devastador⁷. Os olhos sangram. O sal é inclemente.

⁶ As referências à mitologia africana, especificamente a iorubá, foram extraídas de Prandi, 2017 e Verger, 1987. Sobre Iemanjá, “o culto aos orixás femininos não se completa sem Iemanjá, a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, talvez o orixá mais conhecido no Brasil”. (Prandi, 2017, p.22).

⁷ A arte como traição fundamenta-se nas análises de Michel Foucault sobre a filosofia dos cínicos da Grécia antiga. Segundo Foucault, a arte “deve estabelecer com o real uma relação que não é mais da ordem da ornamentação, da ordem da imitação, mas que é da ordem do desnudamento, do desmascaramento, da decapagem (...) E com isso a arte estabelece com a cultura, com as normas sociais, com os valores e os cânones estéticos uma relação polêmica de redução, de recusa e de

Marcelo Crivela, “Desde o começo do mundo, os mergulhadores do pensamento voltam à superfície com os olhos injetados de sangue”⁸. Não esqueça, o mergulho fere. A arte trairá o seu rebanho entre peixes, lixo e pérolas. Sou uma iyá ori. Repito, o mar não cura, não salva, mas acolhe homens, mulheres, crianças, humilhados, estampados nas imagens da exposição proibida por você. Acolhe-os, porém os transfigura negando-os a piedosa compaixão aos fracos e excluídos. Oferto-lhes o vigor informe das marés salgadas. No meu reino a piedade é nula.

Fique atento ao meu conselho, a opinião convicta, assim como o dogma religioso inquestionável, serão implacavelmente dissipados. Tudo que nasça do eu, do nós, ou de qualquer comunidade, **fenece** nas minhas águas. Ignoramos pronomes pessoais. Aqui de onde escrevo só existem intensidades, modulações de forças oxigenando a vida marinha. Bispo licenciado, as imagens perderão a nitidez, queimarão a retina. O mar não é uma idéia sem mundo. Nada apresentado terá a chance de ser reconhecido pelos defensores da moral. Nada propiciará prazer. Nada será familiar aos sentidos. Alcaide carioca, na exposição aquática a traição da arte se efetivará no insucesso da esperança de alguém encontrar mensagens edificantes, ou a beleza que aprimora o espírito⁹. O sal é impiedoso para os mergulhadores desejosos da lisura do corpo. Digo mais, meu caro, as correntezas impedem o equilíbrio da alma sustentada por valores ilibados. Dentro d’água qualquer moral se dissolve como folha de papel. Bispo, atenção, uma perigosa zona de risco desestabilizará os seus aliados. Sei que o risco, a agonia do mergulho os amedronta. Fique atento prefeito, eles se asfixiarão como os afogados acolhidos em minhas águas há muitos séculos.

agressão. É o que faz a arte moderna desde o século XIX, esse movimento pelo qual, incessantemente, cada regra estabelecida, deduzida, induzida, inferida a partir de cada um desses precedentes, se encontra rejeitada e recusada pelo ato seguinte, (...) é na arte principalmente que se concentram, no mundo moderno, em nosso mundo, as formas mais intensas de um dizer-a-verdade que tem a coragem de assumir o risco de ferir”.(Foucault, 2014, 165).

⁸ Passagem extraída de Deleuze, 1992, p. 274. Em relação ao mergulho transtornador, afirma Hara: “há sujeitos que arriscaram, no limite de suas forças, transformar o conhecimento numa espécie de experimentação, de exercício venturoso e fatal de si mesmo no mundo pensamento e da vida (Hara, 2006, p. 271).

⁹ Na recusa da arte como autoconhecimento afirma Blanchot: “a arte procura tornar-se a sua própria presença mas, em primeiro lugar, oferecendo ao homem o meio de se reconhecer, de se satisfazer a si mesmo. Nesse estágio, a arte é o que se chama humanista. Ela oscila entre a modéstia de suas realizações úteis (a literatura torna-se cada vez mais prosa eficaz e interessante) e o inútil orgulho de ser essência pura, o que traduz mais freqüentemente pelo triunfo dos estados subjetivos: a arte torna-se um estado de alma (...) Poético quer dizer subjetivo. (Blanchot, 1987, 218).

Marcelo, sou mãe de muitos filhos, um deles é o preferido de certos artistas. Chama-se Exu,¹⁰ o mensageiro da comunicação entre os deuses e os humanos, o filho dileto provocador da incerteza das coisas. Ele reside fora de quatro paredes, nas ruas, nos becos. Não aplaina estradas para facilitar a ida a uma direção. Cria emboscadas para os mortais, embaraça trajetos, produz surpresas zombando da proteção dos horizontes. Exu vive nas encruzilhadas multiplicando caminhos e descaminhos. Possui uma gargalhada alegre, nada arrogante. Meu filho possui um caráter destrutivo, porém este caráter difere radicalmente dos valores das suas ovelhas. Ele é “jovem e alegre: destruir rejuvenesce, porque remove os vestígios da nossa própria idade; e alegre, porque toda remoção significa para aquele que destrói uma redução total”¹¹. O caráter destrutivo de Exu remove, subtrai, reduz o fardo do destino, o peso dos pronomes pessoais, a compacidade do tempo, o acúmulo volumoso de dívidas e culpas. A alegria do deus que gerei incomoda. Alguns artistas não o aprovam, mas ele, indiferente aos que o ignoram, prossegue na incitação da suspeita sobre a certeza das coisas. Zomba gargalhando da retidão das sinas, da promessa dos dogmas, da segurança das opiniões. A sua igreja o chama de demônio, um ser maléfico, mas são denominações equivocadas. Nos oceanos o mundo não se divide em dois. Ignoramos o bem e o mal. Ondas, correntes marítimas refrescam, movem corpos e embarcações, assim como afogam e destroem implacavelmente. Nos oceanos nada possui uma única qualidade. Do mar não espere nada puro, ausente de contato, assim como qualquer coisa soberana em si mesma para viver. Em grãos de areia, conchas, moluscos, pérolas, ossos humanos, algas, espumas das ondas, encontram-se muitas presenças. Em cada ser reverberam os efeitos da lua, a modulação dos ventos, a ausência deles, assim como a ambição dos homens e a potência do meu reino que a torna inútil. Restos do mundo humano transformam-se em outras formas de vida; são forjados pelo tempo do mar. Você desconhece este tempo. Ele se furta a prosseguir em direção ao futuro, esquiva-se da ida ao paraíso prometido. Assemelha-

¹⁰ Segundo Pierre Verger, Exu possui uma concepção de tempo particular: “Exu pode ter matado um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje” (Verger, 1987, p.11).

¹¹ Citação de (Benjamin, 2004, p. 216). No texto O Caráter Destrutivo que faz parte da coleção de fragmentos traduzida por Imagens de Pensamento Benjamin afirma: “O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas por isso mesmo vê caminhos por toda a parte (...) Como vê caminhos por toda a parte, está sempre na *encruzilhada*. Nenhum momento pode saber o que o próximo trará. Converte em ruínas tudo o que existe, não pelas ruínas, mas pelo caminho que as atravessa” (Benjamin, 2004, p. 217).

se ao ritmo das ondas que repete, difere, repete, avança, repete, retrai-se, repete, destrói o que deseja permanência¹².

Marcelo Crivella, sou a rainha das águas salgadas. O correto e o incorreto de qualquer arte não serão encontrados nas minhas águas. Alguns poetas definem o meu reino como o lugar do mistério, o misterioso mar. Discordo, ele não é o espelho dos humanos. Considero-os poetas envaidecidos por sua humanidade; desprezam o que não seja a sombra das suas almas, o eco das suas palavras. O inumano os põe em risco. Tolo engano, aqui reside a urdidura de formas inesgotáveis tecidas por um emaranhado de forças de várias intensidades. Prefeito do Rio de Janeiro, a serenidade e a revolta dos oceanos exigem atenção. Na superfície das águas atuam potências implacáveis. No fundo idem. Nenhuma moral, dogma, opinião conseguem domar o devir das marés. O tempo do mar não salva ninguém à procura da retidão do caráter ou de um porto seguro. Não cura a loucura, a agonia ou o desespero. Ele faz, desfaz, cria, destrói, chama, expele, forja, aniquila, acolhe, esquece, relembra infinitamente. Cidades e oceanos fracassam na delimitação nítida e inquebrantável das suas bordas.

Além da proibição da exposição, soube que o seu secretário da Ordem Pública participou dos atos de tortura na ditadura do Brasil¹³. Bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, você esqueceu? Eu não. Nasci há milênios, bem antes do homem torturado até a morte, denominado por você o filho de Deus. Das águas aprendi que o esquecimento bem-vindo é o que permite a atenção a um apelo inesperado, a uma urgência inadiável, ao alumbramento de uma beleza, ao espanto provocado por um ato de horror.¹⁴ Fique alerta, o tempo do mar nos adverte sobre modalidades do esquecer. Navegações de ambiciosos navegadores, restos humanos

¹² A imagem da descontinuidade do tempo do mar é inspirada na concepção de história em Walter Benjamin. Segundo o filósofo berlinense, “O materialismo histórico não aspira a uma apreensão homogênea nem tampouco contínua da história (...) uma vez que as diferentes épocas do passado são tocadas pelo presente do historiador em graus bem diversos (...) uma continuidade da apresentação histórica é inviável. (Benjamin, 2006, p. 512). Nesta mesma obra, *Passagens*, Benjamin afirma: “ A especificidade da experiência dialética consiste em dissipar a aparência do sempre igual – e mesmo da repetição- na história. A experiência política autêntica está absolutamente livre desta aparência”. (Benjamin, 2006, p. 515).

¹³ O coronel da reserva Paulo Cezar Amêndola de Souza é secretário da Ordem Pública da prefeitura do Rio de Janeiro nomeado pelo prefeito Marcelo Crivella. Sobre a participação de Amêndola nos atos de tortura da ditadura militar ver <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/e-inaceitavel-que-um-agente-da-repressao-da-ditadura-seja-secretario-municipal/>

¹⁴ Sobre esta modalidade de esquecimento encontramos em Benjamin em seu texto *Conto e Cura a inspiração* : “ Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento.” (Benjamin, 1987, p. 269).

jogados dos aviões ao mar por torturadores, objetos esquecidos, ossos e cinzas anônimas ainda estão sobre a areia no fundo dos oceanos. Não possuem mais o mesmo rosto, as mesmas bordas. Algas, mariscos, peixes, alimentam-se das suas superfícies, tornando-os ainda vivos, porém outros. O passado no meu reino não é um cadáver¹⁵. O seu passado parece ser. Mergulhe, Marcelo, não tema, você encontrará a não conclusão do ontem e emergirá outro, irreconhecível.

Alcaide carioca, mergulhe e veja: carcaças de caravelas naufragadas, pedaços de corpos ainda a registrar sinais de tortura continuam sobre a areia. Permanecem no silêncio do fundo dos oceanos, carcomidos, mas ainda vivos. Em certas ocasiões, quando ocorrem tempestades ou terremotos, detritos são expelidos para a superfície. As intempéries os devolvem à cidade. Nas areias das praias, rastros molhados por acontecimentos aguardam o encontro com alguém disponível ao acaso. Histórias poderão ser recontadas, interrompidas, mas nunca finalizadas. Cuidado prefeito, estes restos forjados pelo tempo do mar são perigosos para a eternidade de qualquer verdade. A exposição aqui será um estorvo para os seus aliados. Não esqueça, sou a mãe das cabeças, não curo ninguém, não esqueço meus filhos quando a dor os sufoca; acolho-os no mar com os olhos injetados de sangue.

Exu, nas andanças pelas ruas do Rio de Janeiro constatou o gradativo emudecimento dos tambores. As luzes das velas escasseiam nas encruzilhadas, disse ele. A cidade, caso emudeça, caso perca suas luzes e cheiros, não contará mais histórias do ontem, tampouco as que ainda virão. Tal fato é perigoso. Os deuses que dançam arriscam não ouvir o chamado dos tambores. Marcelo, caminhe pelas ruas dos subúrbios, talvez você escute esta canção entoada ao som dos atabaques: “No fundo do mar tem uma pedra, debaixo da pedra tem outra pedra, debaixo da pedra tem areia, quem manda no mar é a sereia”.¹⁶ Sim, prefeito, as sereias mandam no mar sob as minhas ordens. Poderão ser terríveis para os que repudiaram a exposição proibida por você. Elas ameaçam com seu canto navegadores de muitos séculos. Destroem embarcações ao colocar em cheque a precisão dos instrumentos para navegar, para existir, para curar. Pior, Marcelo, “por uma promessa enigmática, expunha os homens a ser infieis a eles mesmo, a seu canto humano, despertando a

¹⁵ Sobre a recusa do passado como algo morto afirma Benjamin: “Em qualquer época, os vivos descobrem-se no meio-dia da história. Espera-se deles que preparem um banquete para o passado. O historiador é o arauto que convida os defuntos à mesa.” (Benjamin, 2006, p. 523).

¹⁶ Ponto(cantiga) de Iemanjá da Umbanda de domínio público

esperança e o desejo de um além maravilhoso”¹⁷. Atenção, esta infidelidade a si mesmo será um desespero para os seus aliados. Opiniões ruião. Fique atento, o além maravilhoso ignora a imobilidade dos paraísos, a esperança que entristece, a fidelidade encarceradora aos pronomes pessoais. A sua maravilha está no ensejo de encontros onde formas de vida serão sempre inacabadas, porém infinitas como a violência e a calmaria provisória do movimento das ondas. Elas repetem, repetem seus rumores, suas idas e vindas, porém nunca serão semelhantes. Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, molhe os pés, olhe para a areia, algo virá em formas inusitadas. No além, no ainda não, no por vir provocado pelo canto das sereias, à semelhança do tempo do mar, a arte fere e trai implacavelmente. O esperado não virá.

Prefeito do Rio de Janeiro, após meus longos conselhos sobre o perigo da realização da exposição Queermuseu no fundo do mar, informo-lhe sobre a beleza das pérolas do meu reino. Elas estão aqui, ao lado dos vestígios de corpos torturados no passado, ao lado dos cavalos marinhos, das pedras, das algas, dos ossos anônimos. Para alcançá-las é preciso a destreza dos pescadores de pérolas. Eles possuem um modo peculiar de pensar, “este pensar, alimentado pelo presente, trabalha sobre os fragmentos do pensamento que consegue arrancar ao passado e reunir à sua volta. O que anima este pensar é a convicção de que, embora tudo quanto vive esteja sujeito à destruição do tempo, o processo é ao mesmo tempo um processo de cristalização; a convicção de que no fundo do mar, onde se afunda e se dissolve o que outrora viveu, certas coisas sofrem uma transmutação e sobrevivem sob novas formas e configurações cristalizadas que permanecem imunes aos elementos, como se apenas esperassem pelo pescador de pérolas que um dia virá buscá-las para as devolver ao mundo dos vivos – como fragmentos de pensamento, como insólitos tesouros.”¹⁸ Marcelo Crivella, os pescadores de pérolas destroem a distância entre o mar e a cidade. São atentos ao tempo das águas. Cuidado, a exposição no fundo do Oceano Atlântico tornará ainda mais indignado o seu rebanho. Mergulhe, o mar o espera.

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 2018

Iemanjá

Caro parlamentar Alagoano

¹⁷ Citação de (Blanchot, 2005, p.4).

¹⁸ Citação extraída do ensaio de Hannah Arendt sobre Walter Benjamin. (Arendt, 1991, p. 238).

Apesar do cansaço, das suas condições precárias, rogo que leia a notícia a seguir. Leia com vagar, repita com atenção, atente para a verdade anunciada no texto. Creio que após a leitura o seu corpo carcomido pelo tempo ganhará vigor. É uma declaração proferida em um templo evangélico: “A maioria da sociedade pensa conforme nós pensamos. É só deixar que a maioria seja exercida, e não a minoria. É dessa forma que vamos enfrentar. Temos disposição, sim, e não vamos tergiversar com as nossas posições nunca. Sempre estaremos lá para, acima de tudo, que nossos princípios sejam levantados e defendidos. É isso que nós vamos fazer”.¹⁹ O lá, caro alagoano, é a Câmara dos Deputados do Brasil. Prezado parlamentar, não desista de prosseguir a leitura, sustente a angústia que precede o vômito²⁰. Precisamos deste incômodo. A folha do jornal onde este texto foi publicado está como o seu corpo: dilacerando-se pouco a pouco com o passar dos dias. Sofre a ameaça de ir ao encontro do esquecimento. Informações fenecem rápido demais, viram cinzas, mas urge reter a chama do argumento defendido no templo evangélico. Urge tornar clara, precisa, a verdade anunciada pelo Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil. Sabemos que a verdade deste discurso sobreviveu e sobreviverá intacta, caso esqueçamos o perigo da sua força. O seu corpo, meu caro, conhece muito bem os efeitos desta verdade. Tem ciência que o comando deste pronunciamento faz do esquecimento um ato propício para convertemos o passado em cadáver. Estimado alagoano, divulgue, mostre esse texto a vivos e mortos, porém impeça aos leitores o contágio da sedutora atividade da interpretação. Sobre nos ouvidos, leia alto, murmure a promessa afirmada no texto, mas não permita que seja interpretado. Certas interpretações ameaçam retirar das palavras a consistência da sua materialidade, torná-las leves demais, dispersas, deslocando-as incessantemente de um lugar para outro até chegarem ao ponto certo, definitivo. Hermeneutas, quando desprezam as urgências do agora, traduzem paradoxos incômodos em desdobramentos infinitos amansando a força da sua emergência. Anestesia das relativizações, onde tudo será interpretado como se o mundo estivesse em paz. A paz das opiniões pessoais, dos pontos de vista cuja chama da verdade interpretada não

¹⁹ O trecho do discurso citado referente ao ex Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Eduardo Cunha, foi publicado no jornal Folha de São Paulo em 2 de março de 2015

²⁰ A sensação que precede o vômito é inspirada no ensaio de Theodor Adorno sobre a obra de Kafka. Segundo Adorno, “a angústia evocada por Kafka é aquela que precede o vômito. E no entanto a maior parte de sua obra é uma reação ao poder ilimitado. (...) Kafka procura com a lupa os vestígios de sujeira deixados pelos dedos do poder na edição suntuosa do livro da vida”. (Adorno, p.252).

queimará os olhos. Combustão onde inexistente a coragem de apresentar a verdade, indicar o que ela enfrenta, destrói, o que deseja aniquilar com o seu calor. A paz das opiniões pessoais, além de desprezar a força da chama, ignora as modulações da sua forma quando soprada pelo vento. Caro parlamentar, determinadas interpretações aliviam o mal-estar que embrulha o estômago; o bem-estar da resposta encontrada, do significado revelado, da análise vitoriosa. Atos do catártico vômito que alivia o tremor do corpo quando apresentado ao susto do perigo iminente.

Vereador, apresente a guerra incrustada no discurso dito no templo evangélico, resalte o seu calor escaldante, repita, mostre: “A maioria da sociedade pensa conforme nós pensamos. É só deixar que a maioria seja exercida, e não a minoria. É dessa forma que vamos enfrentar. Temos disposição, sim, e não vamos tergiversar com as nossas posições nunca. Sempre estaremos lá para, acima de tudo, que nossos princípios sejam levantados e defendidos. É isso que nós vamos fazer”. Mostre esta promessa como se fosse uma falta de ar, uma mordida de cão, um soco no estômago, algo que retire o ouvinte, ou o leitor, do torpor provocado pelo excesso de eu ou de dor. Sustente a angústia que precede o vômito. Caro parlamentar, na apresentação do texto enviado, terá a chance de interromper inúmeras harmonias cotidianas. Você sabe que esse discurso transita em outros espaços. Você o reconhece no almoço da família daquele homem religioso, delegado de polícia, pai exemplar, cumpridor dos deveres, que, no entanto, após o almoço, segue para a delegacia para mais uma sessão de tortura. Ouve-o no murmúrio carinhoso do pai de família, no grito viril do torturador temente a Deus durante a aplicação do choque elétrico. Você o pressente no sorriso da família feliz do sudeste, na foto tirada na passeata junto aos policiais após o massacre na periferia. O pronunciamento no templo evangélico está nítido também nas manifestações das ruas; ruas das palavras de ordem saudosas do horror da ditadura. Nas ruas, a insolência a enfrentar e repudiar esta verdade também é encontrada. Você localiza esse discurso na promessa da segurança econômica aos cidadãos da Berlim dos anos trinta, desesperados com o futuro incerto. A maioria venceu, apoiou o nazismo, tenho certeza que este fato você não esqueceu. Caro, urge reter a chama do argumento defendido no templo localizado no Rio de Janeiro. O movimento do fogo, estimado político, é vulnerável aos ventos; as labaredas não possuem uma única forma, mas queimam implacavelmente.

O seu cansaço, vereador de Coqueiro Seco, afirma que o outrora não é um cadáver e o presente não é uma mera transição; imagino que seja devido à presença de vários tempos e corpos sobrepostos no que resta dos seus ossos, mas não desista. Estimado vereador, retenha a angústia que precede o vômito, mostre o pronunciamento do Presidente da Câmara aos culpados, aos endividados, às mulheres estupradas, aos suicidas, aos desempregados, aos humilhados que não conseguem sorrir ou suportar a retenção daquilo que embrulha o estômago. Assuste a tristeza destes corpos, retire-os da imobilidade feita por excesso de agonia. Mostre o discurso, mas não permita o vômito. Caso alguém deseje interpretar, impeça.

Caro Renildo Jose dos Santos²¹, mostre, apresente o pronunciamento da Câmara dos Deputados do Brasil na igreja evangélica; talvez o seu nome perca a nitidez do pronome pessoal. Escape do território delimitado e do passado encerrado. O fazendeiro e o militar, mandantes do seu assassinato, também perderão a nitidez pronominal. Esquartejaram o seu corpo porque você desejava homens, um estorvo para o perfil do político macho. Os fragmentos da sua carne transformaram-se em cinzas em Coqueiro Seco, juntaram-se a outros pedaços também assassinados, misturados a corpos que ainda vivem. Coletivo impessoal, um nós nervoso sempre provisório porque feito por sustos, espantos, urgências. A angústia que precede o vômito embaça a nitidez, o limite de qualquer rosto, do seu e dos que o mataram. Caro, agora anônimo leitor de qualquer lugar, mostre aos que não conseguem suportar a retenção daquilo que embrulha o estômago. Assuste, desenraíze a imobilidade destes corpos, retire-os do peso feito por excesso de dívida e culpa. Querido anônimo, apresente sem aspas este comando: A maioria da sociedade pensa conforme nós pensamos. É só deixar que a maioria seja exercida, e não a minoria. É dessa forma que vamos enfrentar. Temos disposição, sim, e não vamos tergiversar com as nossas posições nunca. Sempre estaremos lá para, acima de tudo, que nossos princípios sejam levantados e defendidos. É isso que nós vamos fazer.

Mostre a chama deste discurso, faça-o queimar, mas não permita o vômito. Caso alguém deseje interpretar impeça.

Rio de Janeiro, Berlim, Coqueiro Seco, São Paulo, deserto, 5 de novembro de 2015

Anônimo

²¹ Sobre o assassinato de Renildo Jose dos Santos ver o site: <http://blog.tnh1.ne10.uol.com.br/ricardomota/2010/09/14>

Prezado estudante de arte

Você não me conhece, sou um velho professor da Universidade onde você estuda. Vi seu rosto na mídia, li a matéria sobre o episódio ocorrido na delegacia onde a sua face foi transfigurada.²² Apesar do corpo cansado, do cansaço decorrente deste insuportável momento que vivemos no Brasil e no mundo, desejo lhe agradecer por presenciar um ato de coragem. Ganhei força após saber da sua atitude de não emudecer, de mostrar a cara ferida, de fazer da dor e da humilhação algo que não seja exclusivamente seu. Ouvi na TV a sua fala com os lábios inchados, sem os dentes arrancados na delegacia pelo policial. Não consegui ficar paralisado após o seu depoimento. Seu ato corajoso me arrancou da poltrona; negou-me o torpor dos imobilizados pela tristeza incitando-me a fazer algo que não sabia o que seria. Espanto. Sim, caro estudante, um desacomodador espanto. Desconhecia o que fazer, mas o corpo estava teso, com tônus suficiente para sentir a sensação que precede o vômito, expressão utilizada por Theodor Adorno para definir a obra de Franz Kafka. Desculpe o tom professoral, a citação acadêmica, mas lembrar da contenção do vômito é uma urgência política para este momento das catarses em excesso nas redes sociais, na mídia e fora dela. O catártico que alivia misérias cotidianas quando promove célere o esquecimento de acontecimentos insuportáveis; o catártico que entorpece os efeitos do horror que se espalha em múltiplos espaços. Atualmente opina-se muito, chora-se muito, emociona-se muito, enfurece-se muito e nada acontece. Catarse refrescante, apaziguadora, porém cúmplice do aniquilamento da vida caso ela ultrapasse os limites do biológico. A vida como enfrentamento às amarras do destino, às sinas, às verdades que não ousam dizer de onde vieram e como foram urdidadas. Vida como força que testa, põe à prova, inquire sem permitir repouso. O expelir catártico somente alivia e enrijece o corpo e aquilo que denominamos eu. Andrei, a coragem afirmada na denúncia contra o agressor lotado em um órgão público bloqueou o vomito. Lembrei de operações executadas nos cárceres do passado. O seu ato urdiu o involuntário da minha memória. Da urdidura vi imagens de rostos deformados em inúmeros lugares; rostos desenhados por imagens turvas onde só se distinguia a intensidade da dor. A coragem que me

²²Informações sobre a tortura sofrida pelo estudante de arte ver :<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2017/07/14/estudante-da-uff-denuncia-agressao-de-policial-por-lgbtphobia/>

espantou esboroa a nitidez de um corpo torturado. Embaça também os autores da barbárie. Os autores do espancamento foram muitos. Pastores, cientistas, famílias ilibadas, psicólogos, esportistas, torturadores do passado, jornalistas, entre outros, conjugaram suas forças na mão do policial que lhe arrancou os dentes. A sua coragem mostra este coletivo que diz não à concepção de vida mencionada anteriormente. Mortos e vivos do passado e do presente agradecem este ato.

Caro estudante de arte, na obra de Kafka os heróis fracassam, as mensagens edificantes são inexistentes, o conforto de uma resposta às nossas angústias é recusado. Não reconheci na sua fala a missão dos heróis que enfrentam o medo. Avalio que você saiba que o medo alimenta os ratos. Não o medo da prudência que nos mantém vivos. O temor que alimenta coisas abjetas enfraquece, serviliza, produz desatenção ao que resta de potência no mundo. A bravura heroica inexistente na sua atitude. Ao denunciar o policial, não percebi o cumprimento de uma missão moral ou a qualidade de um caráter, mas a interrupção de um tempo célere que nos faz esquecer, seguir em frente rumo ao presente descartando como inútil o que passou. Tempo das imagens e das palavras que se esvanecem rapidamente sem ao menos ter dado um sinal de alarme, de perigo para enfrentarmos os visíveis e invisíveis genocídios cotidianos.

Andrei, a sua coragem ao afirmar que na delegacia de polícia tortura-se e humilha-se escapa da banalização das denúncias jornalísticas. Não, caro estudante, ela propicia o vigor para continuarmos atentos às forças do mundo disponíveis para dissiparmos uma barbárie particular da atualidade, a que dissipa a potência da palavra e da imagem. O seu ato interrompeu a anestesia advinda do palavrório onde o eu é soberano; interferiu no anestésico universo das imagens e das palavras em excesso onde a carne falta. A sua cara desfigurada e suas palavras a indicar a autoria da barbárie ofertou a inconclusão do passado, urgências do agora, apelos para que alguém continue a contar o que aconteceu na delegacia sem omitir a dor da perda dos seus dentes.

Andrei, ao denunciar o agressor você esqueceu o perigo deste gesto. Esquecimento próximo a uma epifania de felicidade, dadivosa, o olvidar da coragem como exercício de liberdade. Você esqueceu palavras de ordem, de comando enunciadas por modalidades de existências fascistas ou por aquelas que fertilizam o solo para a eficácia destas modalidades. Palavras de ordem, enunciações que matam

ou enfraquecem. No uso do esquecimento feliz, você esqueceu que *viado bom é viado morto. Eu não escolhi ser gay, eu nasci gay. Prefiro ter um filho assassino do que bicha. Os gays são frágeis e sensíveis. Respeitem os homossexuais, eles são determinados geneticamente. Futebol não é esporte de viado. Os gays são condenados ao sofrimento. A alegria desta gente é interminável. Na minha casa viado e sapatão não entram. Devemos lhes perdoar em nome de Deus. Eu amo os gays.*

Caro estudante de arte, o esquecimento feliz da sua coragem o colocou atento aos apelos dos perigos do agora. Muitos morrem neste momento e muitos lutam. Este olvidar requer atenção ao mundo, às suas belezas e horrores. Coragem estranha ao brilho de uma alma olímpica, aos guerreiros de qualquer espécie. Coragem que afirma o sim à recusa do medo que alimenta os ratos; o sim do exercício inesgotável de liberdade que nos retira das amarras do destino, de uma sina, de uma culpa que não nos pertence. Andrei, agradeço por ter me propiciado o tremor da agonia de uma escrita.

Professor Universitário, sem nome

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. Anotações sobre Kafka. Prismas. Crítica Cultural e Sociedade. São Paulo: Ártica, 2001

AQUINO, Julio. Como eu escrevo. São Paulo, 2017, disponível em <https://comoeuescrevo.com/julio-roberto-groppa-aquino/>

ARENDT, Hannah. Homens em Tempos Sombrios. Lisboa: Relógio D'água, 1991

BAPTISTA, Luis Antonio. O Veludo, o Vidro e o Plástico. Desigualdade e Diversidade na Metrópole. Niterói: EDUFF, 2012.

BENJAMIN, Walter. Imagens de Pensamento. In: BARRENTO, João Barrento ((organizador) Obras Escolhidas de Walter Benjamin. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. Obras Escolhidas volume 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BLANCHOT, Maurice., A Conversa Infinita 3. A ausência de livro. O Neutro e o fragmentário. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, Maurice. O Livro por Vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. O Espaço Literário. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CUNHA, Maria Clementina. O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. Do Governo dos Vivos. Curso no Collège de France, 1979-1980. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992.

HARA, Tony, Os descaminhos da nau foucaultiana: o pensamento e a experimentação. In: Rago, Margareth; Veiga - Neto, Alfredo (Orgs). Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VENTURINI, Ernesto. (organizador). La città proibita: nascita e fine dell' ospedale psichiatrico di Imola (1844-1994). Imola: Dedalo, 1994.

VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas Africanas dos Orixás. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.

Luis Antonio dos Santos Baptista: Psicólogo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF. Professor Titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutorado na Faculdade de Sociologia da Universidade de Roma "La Sapienza"; Doutor em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo; Pesquisador do CNPQ. E-mail: luis_baptista509@gmail.com

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

BAPTISTA. Luis Antonio dos Santos. Cartas impertinentes. Agonística de uma escrita sobre o intolerável. **Revista Transversos. "Dossiê: Grupo Tortura Nunca**

Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência". Rio de Janeiro, n^o. 12, pp. 396-414, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.
DOI: 10.12957/transversos.2018.33712

